

As relações de comunicação no cotidiano de trabalho das costureiras subcontratadas¹

Mayra Castro Vizentin²
Universidade de São Paulo - USP

RESUMO

A presente proposta tem como objetivo discutir as relações de comunicação no cotidiano de trabalho de mulheres costureiras subcontratadas. Essa discussão estará ancorada, principalmente, nos conceitos do binômio Comunicação e Trabalho (Figaro, 2008), que entende o trabalho e a comunicação como atividades humanas e que considera o mundo do trabalho com espaço privilegiado de recepção. Como resultado da análise feita pela pesquisa, é possível perceber que os meios de comunicação tradicionais, como rádio e a televisão, seguem sendo relevantes na vida dessas trabalhadoras, e estão demasiado presentes em seus lugares de trabalho e na formação de sentidos dos seus discursos.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e trabalho; costureiras; novelas; rádio; estudos culturais

A presente proposta tem como objetivo discutir as relações de comunicação no cotidiano de trabalho de mulheres costureiras subcontratadas. Essa discussão estará ancorada, principalmente, nos conceitos do binômio Comunicação e Trabalho (Figaro, 2008), que entende o trabalho e a comunicação como atividades humanas e que considera o mundo do trabalho com espaço privilegiado de recepção. Como resultado da análise feita de entrevistas realizadas com sete mulheres costureiras subcontratadas por uma empresa de produção de roupas infantis e que trabalham em contexto doméstico nos bairros Sonia e Silva Maria, no município de Mauá, na Grande São Paulo para a pesquisa de mestrado intitulada “Relações de Comunicação e Trabalho das costureiras subcontratadas”³ (Vizentin, 2024), é possível perceber que os meios de comunicação tradicionais, como rádio e a televisão, seguem sendo relevantes para o cotidiano de vida

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Trabalho, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Jornalista e Mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – mayracastrov@gmail.com

³ Pesquisa de mestrado defendida em 2024 no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo sob orientação da Profa. Dra. Roseli Figaro <https://doi.org/10.11606/D.27.2024.tde-23012025-115409>

dessas trabalhadoras, e estão demasiado presentes em seus lugares de trabalho e na formação de sentidos dos seus discursos.

Particularmente interessada no micro do trabalho (Schwartz, 2011), a pesquisa em questão optou pelo recorte apresentado com o interesse de revelar como se dá a relação de trabalho informal com a empresa, que as remunera “por produção”, ou seja, elas recebem por peça de roupa confeccionada e estão sujeitas à sazonalidade da produção. As entrevistas serviram como material empírico de análise da pesquisa de mestrado que buscou, também, compreender os discursos das costureiras sobre os sentidos do trabalho que realizam.

À vista disso, passemos aos resultados desta pesquisa que concernem à presença dos meios de comunicação tradicionais – rádio e televisão – no cotidiano de trabalho das costureiras. Para isso, vale ressaltar que a análise está ancorada nos estudos que a compreendem a comunicação como atividade humana ontológica ao Ser social, ou seja, como um conceito que extrapola o clássico esquema do emissor, mensagem e receptor. A partir disso, assumimos que os meios de comunicação são eles mesmos meios de produção da realidade e o receptor sujeito ativo da construção de sentidos. Uma linha teórica-epistemológica que rompe com o midiacentrismo e que está preocupada em compreender o que fazem as pessoas com o que consomem dos meios (Martin-Barbero, 2021). Por isso, nessa perspectiva, analisou-se quanto as mudanças provocadas pelas novas tecnologias nos meios de comunicação tradicionais (rádio e televisão) têm impacto nas relações sociais das trabalhadoras de confecções, a partir dos discursos das costureiras sobre as telenovelas e a interação via redes sociais com os programas de rádio tradicionais.

Desse modo, foi possível perceber que as telenovelas, especialmente aquelas produzidas pela Rede Globo, ainda são a preferência entre os produtos de comunicação consumidos pelas costureiras, com uma ressalva para a preferência pelas telenovelas reprisadas pela emissora. Isso porque, recentemente, a Globo incluiu em sua grade de programação mais um horário dedicado à reprise de novelas antigas. Além das tradicionais novelas das 18h00, das 19h00 e das 21h00, agora também há reprises às 14h30, antes do filme da Sessão da Tarde, e às 17h30, pouco antes do início da novela das 18h00, horário que por muitos anos pertenceu à novela/série destinada ao público infantojuvenil Malhação.

Sem dados mais aprofundados sobre isso, é possível imaginar que essas mudanças se deram em virtude da mudança de comportamento das audiências. Estando o público jovem mais interessado e exposto ao conteúdo dos streamings, imagina-se que o maior público da TV Aberta no horário comercial sejam as trabalhadoras domésticas e trabalhadoras do lar. E que as novelas escolhidas para essas reprises sejam aquelas que atingiram preferencialmente este público. Normalmente as novelas exibidas originalmente no horário das 18h00 e 19h00 e, com alguma exceção, uma ou outra do horário nobre, das 21h00, mas que precisa passar por alguns cortes, já que algumas cenas podem ser impróprias para o horário.

Ao utilizar como metodologia a Análise de Discurso para revelar os sentidos do trabalho presente nos discursos das mulheres costureiras, nos deparamos com um certo tom de conservadorismo com relação ao conteúdo das telenovelas, embora não tão conservadora a ponto de preferir emissoras de linha mais retrograda, como é o caso da Record comandada pelo Bispo Edir Macedo, da Igreja Universal. A entrevistada Julia⁴, por exemplo, afirma não gostar da Record pois, segundo a costureira, a emissora “imita” demais a Globo, apesar de falar “mal” da concorrente. Veja no trecho:

Não é todas as novelas que me chama a atenção... Que nem, passou algumas novelas que eu gostei, que era uma que tinha o Candinho. Eu me divertia com ele na Globo. O Cravo e a Rosa... Essas novelas assim do quatro [o SBT], a única que me chamou a atenção quando tava passando - nem sei se ainda tá ou se já terminou -, foi Chiquititas, essas coisas assim. Mas da Record eu não gosto. Não gosto de nada que que passa na Record, porque eu vejo que ela imita muito a Globo. Ela fala mal da Globo, ela fala horrores, mas você pode prestar atenção, ela imita demais tudo que passa na Globo, então eu não gosto, porque eu acho que cada um tem que ter seu caminho próprio, sua opinião própria (Julia).

A entrevistada afirma que não são todas as novas que “chama” a sua atenção. Mas ela acaba dando como exemplo uma novela da qual primeiro se lembra do nome do personagem, o Candinho. Não por acaso a novela “O Cravo e a Rosa” que talvez seja a novela mais vezes reprisada pela emissora, e que inclusive foi reexibida no horário das 14h30, mais recentemente, devolvendo à Globo a liderança na audiência para o horário, Santana (2022).

⁴ Por questões de confidencialidade, os nomes das costureiras aqui utilizados são fictícios. Essa foi uma opção adotada pela pesquisa de Vizentin (2024) como forma de tornar a apresentação dos resultados e das análises mais fácil e empática.

Mas a preferência da Julia é mesmo pelas emissoras ligadas à Igreja Católica, como a TV Aparecida, produzida pelo Santuário de Nossa Senhora Aparecida no interior de São Paulo, e a Rede Vida, também ligada à igreja e com sede em São José do Rio Preto, São Paulo. Essa revelação pode ajudar a compreender por que não gostar de Record. Sabe-se que depois das eleições de 2018, quando o país se viu mais polarizado politicamente, as audiências mais radicais passaram a transpor essa polarização para o consumo dos meios de comunicação. Tendo as igrejas evangélicas crescido do ponto de vista político, a campanha de ódio à Globo como emissora alinhada à assuntos ligados às pautas civilizatórias de igualdade e equidade, também cresceu. O que se quer dizer então, é que a polarização entre as emissoras também é política. Certo grupo ama a Globo e odeia a Record e vice e versa.

O que eu gosto assim de assistir é, mas a rede católica mesmo eu assisto a Aparecida muito Aparecida, a Rede Vida. Agora se na Globo assim ou no SBT vai passar alguma coisa que chama a minha atenção, aí é neles. Se não é, é que ultimamente a Globo ela tá pecando um pouco na programação dela, não tá mais colocando assim coisas para prender a gente, né? (Julia).

Na mesma linha de críticas à Globo, veremos a seguir um trecho da entrevista com a Lucia que, à princípio, pode parecer ter um discurso confuso, mas ele foi transcrito exatamente como dito justamente para que possa avaliar essa hesitação na fala. A trabalhadora dá algumas ‘voltas’ para chegar ao que quer dizer por que, imagina-se, que ela compreende que não é muito politicamente correto. Ou seja, sua fala revela traços de um preconceito não assíduo, mas que existe, que está ali presente. Isso porque, a entrevistada afirma primeiro que não assiste mais as novelas “de hoje”, o que quer dizer que ela não gosta das novelas produzidas mais contemporaneamente. E por que não? Primeiro ela alega que as novelas do horário nobre, geralmente novelas de viés mais sensacionalista, com temas mais polêmicos. Isso porque, segundo Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2003), as telenovelas no Brasil, país que ocupa lugar periférico no capitalismo e com grande tradição de assistir televisão, “possui uma penetração intensa na sociedade brasileira, devido a uma capacidade peculiar de alimentar um repertório comum por meio do qual pessoas de classes sociais, gerações, sexo, raça e regiões diferentes se posicionam e se reconhecem umas às outras” (Lopes, 2018, p.18).

Veja o trecho da entrevista com a costureira Lúcia:

Porque distrai, distrai enquanto costura. E, principalmente, não é de hoje que as de hoje eu não assisto, porque eu não gosto de nenhuma das de hoje. Aí que nem a gente assiste mais no período da tarde, porque as reprise das novelas porque as de hoje são tão... De hoje é muito. E eu acho que eles colocam principalmente novela das nove. É uma que eu não assisto de jeito nenhum. É muita violência, né? Muita violência. E eu? Eu não tenho assim. Eu penso assim. Cada um escolhe a sua vida, faz dela o que achar que deve. Se você quer namorar com uma mulher, problema seu. Eu não tenho nada com isso. Um homem com homem. Mas só que eu acho que eles expõem demais, que eu acho, no meu ver, não sei se eu tô certo, tá errado. Eu acho que não precisava ser tanto assim, expor tanto que não tem uma novela mais que que não tenha. Você vê que eu tava falando pra minha irmã como pode? Tava passando a novela de Dom Pedro às 06h00, né? O dom da história de Dom Pedro. Pois eles encaixaram dois gays ali no caminho. Não sei se já existia naquela época. Eu não tenho nada contra. Tem na minha família, tem homem casado com homem? Tem. Não tem nada. Mas eu acho assim que eu só acho que não precisa tacar tanto na cara, fazer. Eu penso assim que ele expõe. A gente tem que engolir aquilo, tem que ver. Eu acho que não precisa disso, então prefiro não assistir.

Com o avanço dos direitos civis das pessoas das chamadas das mulheres e negros, assim como das minorias sociais, como a comunidade LGBTQIA+, as novelas, sobretudo as novelas do horário nobre da Globo, passaram a buscar maior verossimilhança com o real da sociedade em suas histórias. E isso tem causado estranhamento a uma parcela da população, que sucumbe à dissimulação de valores conservadores espalhados via redes sociais, reproduzindo-os sem reconhecer que também são vítimas do machismo e do racismo. Tal dissimulação pode ser vista na fala da Lucia que não assume abertamente seu preconceito, mas gostaria que relações entre pessoas do mesmo sexo não fossem explícitas ou explicitadas em novelas. Ela tenta se esquivar do preconceito quando afirma recorrer ao famoso argumento de não ter nada contra, pois até tem pessoas homossexuais em sua família. É também deste lugar que parte a preferência pelas novelas dos horários de reprise, que fogem das grandes polêmicas sociais, e buscam entreter com a comédia ou com puras histórias de romance.

No entanto, as novelas seguem presentes no cotidiano de trabalho dessas trabalhadoras porque, como afirma a Lucia, elas ajudam a “distrair” no tempo de trabalho. Não sem motivo, a televisão está presente em quase todas as oficinas visitadas pela pesquisa.

Tais discursos apontam para a importância de compreender o que fazem as costureiras com os meios de comunicação, tendo o espaço de trabalho como espaço privilegiado de mediação de relações sociais.

Assim, observa-se que no mundo do trabalho, as mediações fundantes propostas por Martin-Barbeiro (2021) - comunicação, política e cultura -, se relacionam a todo o momento. Nesse sentido, um outro achado feito pela pesquisa tem a ver com a relação das costureiras com as rádios. Imaginava-se que, dado o aumento da presença das televisões e uso do celular para escutar música em aplicativo como o YouTube, essa relação poderia ter mudado um pouco. Mas o que se encontrou é que pelo menos duas das sete entrevistadas acompanham a programação das emissoras e utilizam as redes sociais para se conectarem com os apresentadores.

Veja no relato da Fátima sobre uma interação com um apresentador de rádio. Ao final ela se gaba do dato dele “até” o nome dela ter dito.

[...] Mas assim teve um dia de manhã cedo da Nativa, eu mandei bom dia pro “Jones mande bom dia”, até eu liguei, ele falou meu nome.

Pesquisadora: E você mandou por onde? Pelo celular? Pelo WhatsApp.

Entrevistada: Pelo Facebook. Tem hora que é ao vivo - que ele faz a live que chama, né? Aí eu liguei, aí deu bom dia, olha até meu nome o Jones falou (Fragmento da entrevista com a Fátima).

A emoção de ouvir seu nome sendo mencionado tem a ver com um sentimento de ser mencionada, reconhecida como pessoa, ou seja, ela existe e merece algum destaque neste mundo onde só pessoas conhecidas, famosas ou políticos são mencionados. Este é o nível de relação com os meios que consomem.

Assim sendo, é possível concluir que a comunicação é fundamental para a atividade de trabalho não só porque dela depende para acontecer - assim como da linguagem com o objetivo de comunicar -, mas porque a viabiliza como suporte. Nesse sentido, podemos reafirmar a sua importância ao verificarmos como os meios de comunicação seguem sendo relevantes para o cotidiano de vida das trabalhadoras, ajudando-as a formar sentidos, revelados por meio da linguagem e dos discursos.

REFERÊNCIAS

FIGARO, Roseli. **Comunicação e trabalho: Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação**. São Paulo: Anita Garibaldi/Fapesp, 2001.

FIGARO, Roseli. **Relações de comunicação no mundo do trabalho**. São Paulo: AnnaBlume, 2008.

LOPES, Maria Immacolata V. **Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação**. Comunicação & Educação, São Paulo, n. 26, p.17 a 34, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37469/40183>. Acesso em: 29 jun. 2024.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.
MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Oficio de cartógrafo: travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura**. Fondo de Cultura Económica, Chile, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12 ed., Pontes Editores, Campinas, SP. 2015.

VIZENTIN, Mayra Castro. **Relações de comunicação e trabalho das costureiras subcontratadas**. 2024. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.
doi:10.11606/D.27.2024.tde-23012025-115409. Acesso em: 2025-02-18.